

Transtornos de personalidade na literatura*

Dr. Nilson de Moura Fé¹

(★ 03/08/1938 - † 15/12/2009)

* Conferência apresentada durante a X^a Jornada de Saúde Mental e Cidadania de Quixadá, realizada nos dias 5 e 6 de dezembro de 2002.

¹Nascido em Simplicio Mendes (Piauí), o Dr. Nilson se formou pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará e obteve o título de Especialista em Psiquiatria pela Associação Brasileira de Psiquiatria. Prestou relevantes serviços à coletividade cearense, particularmente no campo da saúde mental. Psiquiatra criativo e inovador, implementou significativas medidas no âmbito da assistência aos doentes mentais. Foi Diretor do Hospital de Saúde Mental de Messejana, no qual organizou e consolidou o primeiro Programa de Residência Médica de Psiquiatria do Estado do Ceará, uma iniciativa que teve profunda repercussão na formação pós-graduada dos psiquiatras cearenses. Incentivou o treinamento de clínicos gerais de cidades do interior do Estado no atendimento às pessoas acometidas de transtornos mentais, com o objetivo de assegurar que esses pacientes fossem atendidos nos locais onde moravam. Foi Coordenador de Saúde Mental do Estado, função em que implantou dezenas de Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), descentralizando a atenção psiquiátrica no Estado do Ceará e contribuindo de forma decisiva para a redução do fluxo de pacientes psiquiátricos do interior para a cidade de Fortaleza. Presidiu a Sociedade Cearense de Psiquiatria e foi agraciado pelo Conselho Regional de Medicina do Ceará com a “Medalha de Honra ao Mérito Profissional”. O trabalho do Dr. Nilson de Moura Fé lhe valeu o reconhecimento dos pacientes, dos seus colegas de profissão e da sociedade cearense.

Transtornos de personalidade na literatura

A busca do outro tem sido e continuará sendo uma constante no comportamento do homem. Revelada em suas manifestações expressivas, seja como fórmula indireta da procura de si mesmo ou do que lhe falta, seja por motivações outras - nem sempre bem definidas. De fato, as tentativas de caracterização do outro têm sido objeto de estudo desde os tempos remotos até os dias de hoje.

É antiga a crença de que, através da leitura da mão de uma pessoa, podia-se predizer os traços de sua personalidade e mesmo de seu caráter, surgindo então a Quiromancia como arte da adivinhação. Sabe-se também que era crença de Hipócrates que o formato do corpo humano revelava traços de personalidade. Aristóteles chegou a preconizar que um “nariz pontudo significava irritabilidade, nariz aquilino indicava caráter semelhante ao da águia”.

A teoria dos quatro humores favoreceu aos hipocráticos os fundamentos para caracterizarem a personalidade humana em coléricos, fleumáticos, sanguíneos e melancólicos quatro séculos antes de Cristo e serviu de instrumento para Teofrasto, continuador de Aristóteles, escrever seus *Caracteres*, uma tentativa de definição de tipos de personalidade. Estas buscas se continuaram por meio de outros estudiosos, reativando-se no século XVIII através das conclusões do neuroanatomista Gall, que correlacionou tamanho, forma e protuberâncias do crânio com o temperamento das pessoas.

Na segunda metade do século XIX, Cesar Lombroso defendeu a ideia da configuração física das pessoas estar relacionada com a criminalidade, com a concepção do ‘criminoso nato’ e chegou a descrever estupradores (nome cunhado por ele) da seguinte forma: “pouca altura com um peso relativamente elevado, mãos e braços curtos, fronte estreita, semicircunferência anterior da cabeça muito curta, anomalias frequentes dos órgãos genitais e do nariz e, quase sempre, inteligência pouco desenvolvida”. Também “fisionomia bestial e cínica, paixão pelo jogo, lábios espessos, cabelo abundante e negro, a voz rouca”. Por esta mesma época, Krafft-Ebing assim desenhava o perfil dos pedófilos: “falta de virilidade, caráter de desonestidade e muitas vezes de inépcia...

impotência”. Inicialmente, eram chamados de “depravados”, depois, em 1906, Forel designou de “pedorose” e só depois de 1925 tomou o nome de pedofilia.

A preocupação em descobrir na configuração corporal das pessoas seus traços de personalidade tem um equivalente filosófico quando compreende a função a partir da configuração, premissa que se modifica por meio do pensamento crítico quando estabelece o princípio do “primado” da função sobre o objeto, reorientando maneiras de ver as pessoas em seus traços pessoais, não mais como consequência de sua constituição física, mas como resultado de sua interioridade subjacente.

Os transtornos de personalidade, descritos por Kurt Schneider como ‘Personalidades Psicopáticas’, são “aquelas que sofrem com sua anormalidade ou que assim fazem sofrer a sociedade” e que, para este autor, não constituem doenças, mas os modos de ser dessas pessoas, que se destacam em suas peculiaridades - são inúmeras estas peculiaridades -, dificultando uma classificação tipológica satisfatória, pois, para se categorizar, as formas são necessárias para o enquadramento de várias individualidades em grupos de formas definidas, o que não acontece com os conteúdos individuais das pessoas, informes por natureza. Por isso, no estudo dos transtornos de personalidade encontrados nos sistemas classificatórios como a CID-10, DSM-IV e outros, a caracterização dos tipos é difícil de ser definida. Já os encontrados na literatura apresentam-se mais precisos, talvez pela despreocupação em agrupá-los, mas não apenas.

A literatura, forma de expressão estabilizadora da linguagem, constitui-se numa fonte inesgotável de criações artísticas e de representações de conteúdos pessoais, de sorte que as configurações de personagens com transtorno de personalidade surgem com uma riqueza de traços característicos que se acentuam no desenvolver de seus contextos, tornando-os modelos exemplares de qualquer tipologia científica.

Alguns escritores sobressaíram-se de forma tão peculiar em suas produções literárias, que proporcionaram condições para que seus nomes fossem usados para nominarem transtornos

mentais, como foram os casos de Marquês de Sade e Sacher Masoch para o sadismo e o masoquismo. Sobre este aspecto é importante salientar que, originariamente, o termo “sadismo” significava um gênero literário no qual eram apresentadas cenas eróticas para transmitir ideias filosóficas. Só depois da publicação da *Psychopathia Sexualis*, de Krafft-Ebing, em 1876, o termo “sadismus” passou a denominar uma patologia sexual. Mas, embora esta mudança semântica tenha, em parte, obscurecido as qualidades literárias de seu autor, a crítica atual considera *Justine ou Os Infortúnios da Virtude*, romance de Sade, como “a maior contribuição à ficção europeia do século XVIII” e, segundo Baudelaire, “Precisa-se sempre retornar a Sade para observar a humanidade em seu estado natural e compreender a qualidade do mal”.

Foi baseado nas obras literárias de Sade e de Masoch que Gilles Deleuze realizou um estudo detalhado e profundo sobre sadismo e masoquismo, concluindo, entre outras observações, tratar-se de duas entidades distintas e não apenas de uma, o sadomasoquismo, como se encontra na atual Classificação Internacional de Doenças, a CID-10. Demonstra, de forma clara, que o masoquismo encontrado nos sádicos é diferente do masoquismo dos masoquistas, e também que o sadismo encontrado nos masoquistas é diferente do sadismo dos sádicos. Considera improvável que um masoquista se submeta a um sádico ou que um sádico aceite um masoquista como parceiro.

O Homem, depois de procurar-se no outro através de sua exterioridade perceptível, de sua aparência ou de sinais reveladores outros, e não encontrando o que procurava, terminou por direcionar-se para dentro de si mesmo. Talvez, se tivesse observado melhor os ensinamentos dos antigos, encontraria no passado babilônico a história de Gilgamés, que só encontrou a paz quando entendeu-se com Enkidu, seu eu interior. Por isso mesmo é que os escritores orientaram a apresentação de seus personagens com transtornos mentais como pessoas comuns, que podem confundir-se com qualquer um e serem despercebidas por todos ou quase todos, tornando próximo o distante e colocando o “marginal” não mais como situado numa marginalidade periférica, mas no centro do contexto social.

Assim, Chichikov, personagem principal de *Almas Mortas* de Gogol, é uma personalidade com transtorno bem definido e que pode ser identificado como uma personalidade antissocial, pois projetou a compra de almas mortas (servos mortos) que ainda figurassem como vivas nas listas de recenseamento dos proprietários rurais para, assim fazendo, diminuir-lhes seus impostos, e, para si mesmo, conseguir empréstimos bancários para a compra de terras com as almas (servos) adquiridas. A apresentação de Chichikov é descrita assim: “A carruagem era ocupada por um cavalheiro nem feio nem bonito, nem magro nem gordo, nem velho nem novo. Sua chegada à cidade passou completamente despercebida”.

Nozdriov, outro personagem de *Almas Mortas*, é apresentado da seguinte maneira: “Semelhantes tipos não são raros. São chamados bons rapazes e passam, em sua infância, por camaradas sinceros, o que, com frequência não lhes impede de serem espancados. Seu rosto exprime sempre retidão e audácia. Precipitam a amizade, tuteiam-nos desde logo, parecem entregar-nos toda a sua afeição, mas ocorre comumente que, à noite, nos vêm em cima no decurso de agradáveis comezainas. São charlatões, trapaceiros, presunçosos, briguentos... Mentia sem a mínima necessidade... Os Nozdriov não desaparecerão tão depressa. Existem muitos deles entre nós outros, mas como sem dúvida, trocaram a indumentária, os espíritos superficiais não os reconhecem”.

Da mesma forma, Georges Vigarello mostra, em dois exemplos da literatura, a ausência de traços distintivos e a aproximação com o comum das pessoas em portadores de transtornos mentais envolvidos em crimes, citando a novela de Mirbeau, *Assassino da rua Montaine*, na qual o personagem, um homem que estupra e mata as prostitutas parisienses, é percebido da seguinte maneira: “Eu o encontrei ontem. Andava rápido, feria o ar com sua bengala, cantarolava e fumava um charuto... É um personagem agradável, amável, com afetuosa e simpática aparência”. Em *La Petite Roque*, conto de Maupassant, o autor conta a história de uma menina de 13 anos, estuprada e assassinada por Renardet, prefeito da cidade, onde era respeitado por todos. Renardet era “um homem gordo e grande, pesado e vermelho, forte como um boi e muito estimado na região, embora fosse excessivamente violento”.

A insensibilidade tem sido apontada como uma das principais características dos transtornos de personalidade, principalmente nos antisociais, verificada por meio de atitudes de “frieza” diante determinados atos de crueldade ou de assassinatos. Mas aqui é necessário averiguar se realmente se trata de abolição da sensibilidade ou apenas uma forma diferente de sensibilidade.

Kurt Schneider chama de “psicopatas insensíveis às pessoas destituídas ou quase destituídas de compaixão, vergonha, sentimento de honra, arrependimento, consciência. Em seu modo de ser, são frequentemente sombrias, frias, rabugentas, em seu modo de reagir, compulsivas e brutais”. Esse transtorno de personalidade não é assim distinguido nem na CID-10 nem na DSM-IV, mas resolvemos referi-lo em virtude da frequência encontrado na literatura e na linguagem dos jornais.

Pierre Klossowski, em um trabalho intitulado *O Filósofo Celerado*, desenvolveu um estudo sobre a filosofia do Marquês de Sade, no qual enfatiza alguns aspectos importantes sobre o modo de ser e agir dos personagens de Sade (todos com transtorno de personalidade), especialmente sobre a psicologia do sensível, tentando explicar a polimorfia sensível e a busca da apatia em seus ensinamentos. Segundo Klossowski, “Para Sade, a consciência moral corresponde apenas a um esgotamento das forças impulsivas (a “calma dos sentidos”), poupando este intervalo em que a imagem repulsiva do ato cometido se reapresenta como uma promessa de gozo”. Para Klossowski, o perverso de Sade (o termo ‘perverso’ neste trabalho equivale ao de uma pessoa com transtorno de personalidade) se distingue por uma ideia fixa e subordina seu prazer à execução de um gesto único e, assim, o situa no contexto social: “Considerado em si, o perverso não pode se significar a não ser por esse gesto: executá-lo vale para a totalidade do fato de existir. Por isso mesmo, a perversão não tem nada a dizer, quanto a seu gesto, que seja inteligível ao nível da reciprocidade entre indivíduos. O perverso está ao mesmo tempo aquém e além do nível individual: em relação a este, que constitui um conjunto de funções subordinadas conforme as normas da espécie, o perverso oferece a subordinação arbitrária das funções habituais de viver a uma só função insubordinada, ou seja, a uma apetência incongruente por seu objeto. A esse respeito ele está aquém dos indivíduos mais grosseiros; mas, enquanto essa insubordinação de uma função só

pode se concretizar e, em consequência, conseguir se individuar em seu próprio caso, ele sugere, à reflexão de Sade, uma possibilidade múltipla de redistribuição das funções e, neste sentido, para além dos indivíduos “normalmente” constituídos, abre uma perspectiva mais vasta: a da polimorfia sensível”.

A idéia de polimorfia sensível, apresentada por Klossowski em relação à peculiaridade do modo de sentir dos perversos de Sade, poderia ser estendida a outros transtornos de personalidade, fornecendo uma lógica compreensiva para muitas condutas ou muitos comportamentos até então percebidos como sem lógica. Querelle, personagem de *Querelle de Brest*, de Genet, habitualmente assassinava seus comparsas após os assaltos que fazia; uma vez, ao encontrar um marujo usando a boina do mesmo jeito que ele usava, jeito esse que considerava que fosse dele, mandou-o usar a boina de outro jeito e como o marujo não o entendesse, agrediu-o brutalmente. Sentiu-se roubado e entendeu a agressão como uma vingança. Poderia explicar também o enlouquecimento de Vassia Chunkov, no conto *Coração Frágil* de Dostoiévski, por sentir-se muito feliz, e a morte de Biêlikov no conto *O Homem num Estojo*, de Tchekov. Biêlikov, após sentir-se alvo de mofa na pequena cidade onde morava, em virtude de uma caricatura sua passeando com sua noiva que alguém fez e divulgou, e logo depois de ter levado uma queda na escada da casa da noiva e esta ter dado uma gargalhada, foi para casa, retirou da mesa o retrato da noiva, deitou-se e não mais se levantou, vindo a falecer três dias depois.

E para que o perverso não sinta arrependimentos ou remorsos, Sade sugere a prática da apatia, na qual ele considera que “o que se chama de ‘alma’, ‘consciência’, ‘sensibilidade’, ‘coração’ são apenas as diversas estruturas que a concentração das mesmas forças impulsivas afeta. Elas podem elaborar a estrutura de um órgão de intimidação sob a pressão do mundo institucional, como a de um órgão de subversão sob a pressão interna dessas forças, e isso sempre de maneira instantânea. Mas são sempre os mesmos impulsos que nos intimidam ao mesmo tempo que nos insurgem”. Sade entende que “O ato passionalmente reiterado sobre o mesmo objeto se deprecia (ou se diversifica) em favor da qualidade do objeto. Desde que se multiplique o objeto e que o número dos objetos os deprecia, tanto melhor se afirma a qualidade do próprio ato reiterado na

apatia”.

Conforme encontramos em *Diário de um Ladrão* e no prólogo de *O Balcão*, livros autobiográficos de Jean Genet, os mecanismos utilizados por ele para assumir a profissão de ladrão assemelham-se aos ensinamentos de Sade, como podemos ver: Depois de criado num orfanato, foi adotado por uma família pobre, e aos 10 anos de idade foi enviado ao reformatório de Mettray sob acusação de roubo. Quando a sociedade o acusou de ladrão, ele aceitou. “Eu sabia o desprezo dos outros por mim, mais fortes e mais ruins do que eu. Para sobreviver à minha desolação, quando minha atitude era mais retraída, eu elaborava uma disciplina rigorosa. O mecanismo era mais ou menos o seguinte: a cada acusação, mesmo injusta, do fundo do coração, eu responderia sim. Mal eu tinha pronunciado essa palavra – ou a frase que a significava – em mim mesmo eu senti a necessidade de me tornar aquilo que os outros me acusavam de ser”. Este mecanismo de Genet corresponderia à prática da apatia de Sade, pois a afirmação iterativa das acusações sofridas de Genet equivaleria à iteração dos atos negados de Sade.

Raskolnikov, personagem maior de *Crime e Castigo*, de Dostoiévski, assassinou uma velha usurária e sua irmã para roubar, baseado em um “princípio” que ele mesmo forjara, realizando um crime quase perfeito; mas, após sua confissão, seu julgamento e sua prisão, faz estas reflexões, enquanto ainda preso: “Ainda se o destino ao menos lhe tivesse enviado o arrependimento... um arrependimento lancinante que lhe devorasse o coração e lhe tirasse o sono, um arrependimento desses perante cujos espantosos sofrimentos uma pessoa pensa em enforcar-se ou atirar-se à água, oh, como se teria, assim alegrado! Torturas e lágrimas... Isso também era vida! Mas ele não se arrependia da sua culpa”. Esta reflexão leva-nos a pensar sobre a importância do sentimento de culpa na consciência moral das pessoas e também na falta deste sentimento. O não sentir culpa seria mais doloroso do que senti-la? Depreende-se afirmativamente da reflexão de Raskolnikov, pois sentir culpa é vida, com todo o sofrimento que possa acarretar, ficando implícito que o não sentir culpa seria uma não vida, e isto deve ser muito mais doloroso para quem vive. Sobre a temática da culpa, pode-se deduzir também que os suicídios de Svidrigailov, personagem secundário de

Crime e Castigo, e de Smierdiakov, em *Os Irmãos Karamasov* de Dostoiévski, ocorreram em consequência de alguma forma de culpa pelos atos cometidos por ambos.

O caso Rivière, apresentado por Michel Foucault e seus auxiliares, revela também algumas características peculiares no que diz respeito à sensibilidade diante de atos praticados. Jean Pierre Rivière, agricultor, de 20 anos de idade, natural e residente de uma pequena cidade francesa, assassinou sua mãe, sua irmã e seu irmão de forma brutal e premeditada no dia 3 de junho de 1835, uma hora da tarde, fugindo após os referidos crimes. Foi preso e, durante os interrogatórios “confessou que até então desejara fazer crer à justiça estar sofrendo de uma alienação mental. Acrescentou que matara a mãe porque esta atormentava continuamente seu pai, arruinava-o e levava-o ao desespero, a irmã porque tomava o partido da mãe, e ao irmão por amar a mãe e a irmã. Depois disso, declarou que assassinara seu irmão porque queria atrair para si o ódio de seu pai e tirar-lhe por antecedência qualquer tristeza por sua perda.”. Pode-se perceber um intuito premeditado na tentativa de aliviar o pai de uma tristeza. Conseguindo fazer com que o pai o odiasse, ele substituiria a tristeza pelo ódio, de acordo com uma lógica de que não se sente perda ou tristeza de quem se odeia. Em outras palavras, o assassinato do irmão também era para proteger o pai, embora tenha sido uma proteção diferente daquela que motivara o homicídio da mãe e da irmã. Pierre Rivière foi condenado à morte, pena esta depois comutada para prisão perpétua. Faleceu por enforcamento na prisão de Beaulieu, em 22 de outubro de 1840.

Em *Confissões do Impostor Felix Krull*, Thomas Mann nos mostra alguns traços do caráter de seu personagem que aparecem com frequência em muitas pessoas com transtorno de personalidade, ressaltando-se os que se referem ao fingimento, à mentira e à farsa, bem como tenta dar uma explicação da sua dificuldade de relacionamento interpessoal, de estabelecer amizades. Felix, desde criança, iniciou-se na prática de exercícios comportamentais que o satisfaziam, mas que vinham de encontro às normas vigentes. Uma das primeiras preocupações foi aprender a imitar a letra do pai da melhor maneira possível e utilizar esta habilidade para entregar bilhetes na escola, justificando suas faltas. Como não gostava da escola, às vezes fingia-se de doente – experiência que

treinou e o encantou quando conseguiu enganar o próprio médico de sua cidade e, mais tarde, a junta médica do exército, livrando-se do serviço militar. Seus primeiros furtos ocorreram ainda na infância, mas nunca aceitou o fato de que isso se tratasse de algo condenável. Considerava que “Só há mentira e fingimento, quando uma sensação é imitada de maneira imperfeita, quando os sinais não correspondem à verdade”. Numa troca de papéis em que teve que assumir o lugar de um marquês em viagem, sentiu-se muito feliz e diz que sua alegria não era pela distinção da posição de marquês que então ocupava, mas pelo fato de mudar de nome, ser outro e ser chamado como outro. Mudar de nome para ele fora sempre algo que invejava nas mulheres quando se lembrava da irmã que noivara e ia mudar de nome quando se casasse, coisa que ele não poderia fazer. Fê-lo depois por outras razões. Evitava as amizades para não se expor em “intimidades vulgares, expondo em demasia certos mistérios da minha natureza, por assim dizer, aguando a seiva da minha vida e enfraquecendo perniciosamente minhas forças”. Evitar as amizades poderia ser, então, um mecanismo de defesa para proteger fraquezas inconfessáveis. A solidão seria uma estratégia de convivência social. Observa-se na mentira da pessoa com transtorno de personalidade que ela não é apenas aquela pessoa que mente,

pois a realização e a satisfação do ato de mentir transforma-a na própria mentira, o mais das vezes.

BIBLIOGRAFIA

1. Alexander, Franz G. E Selesnick, S.T. História Da Psiquiatria – Ibrasa – São Paulo – 1968.
2. Cassirer, Ernst – A Filosofia Das Formas Simbólicas (Primeira Parte – A Linguagem) – Tradução De Marion Fleischer – Martins Fontes – S. Paulo – 2001.
3. Deleuze, Gilles – Apresentação De Sacher-Masoch (O Frio E O Cruel) – Tradução De Jorge Bastos – Livraria Taurus Editora – Rio De Janeiro – Brasil – 1983.
4. Dostoiévski, Fiodor M. - Crime E Castigo, Os Irmãos Karamazov E Coração Frágil – Obras Completas – Companhia Aguilar Editora – Rio De Janeiro – 1964.
5. Foucault, Michel – Eu, Pierre Rivière, Que Degolei Minha Mãe, Minha Irmã E Meu Irmão. (Um Caso De Parricídio Do Século Xix Apresentado Por Michel Foucault) – 6ª Edição - Tradução De Denize Lezan De Almeida – Edições Graal – Rio De Janeiro – 1977.
6. Genet, Jean – Diário De Um Ladrão, Querelle E O Balcão – Editoras Nova Fronteira S.A, Nova Fronteira S.A. E Victor Civita.
7. Gogol, Nicolai - Almas Mortas - Tradução De Costa Neves. Edições de Ouro.
8. Klossowski, Pierre – O Filósofo Celerado, Do Livro Sade-Meu Próximo – Tradução De Armando Ribeiro – Editora Brasiliense S. A – São Paulo – 1983.
9. Mann, Thomas – Confissões Do Impostor Felix Krull – Tradução De Lya Luft – Nova Fronteira – Rio De Janeiro – 1981.
10. Schneider, Kurt – Psicopatologia Clínica.
11. Tchekov, Anton Pavlovitch - Contos De Tchekov (O Homem Num Estojo) – Tradução De Boris Schnaiderman – Editora Civilização Brasileira – Rio De Janeiro – 1959.
12. Thomas, Donald – Vida E Obra Do Marquês De Sade, O Filósofo Libertino – Tradução De Múcio Bezerra – Editora Civilização Brasileira – Rio De Janeiro – 1992.
13. Vigarello, Georges – História Do Estupro – Violência Sexual Nos Séculos Xvi - Xx – Tradução De Lucy Magalhães – Jorge Zahar Ed. – Rio De Janeiro – 1998.

Como citar:

Moura Fé, N. Transtornos de personalidade na literatura. Dialog Interdis Psiq S Ment. 2021;1(1):2-7.